

HORA DE TRABALHO PEDAGÓGICO COLETIVO EM BUSCA DA QUALIDADE NA EDUCAÇÃO

Anelise Arendt Neuhaus¹ Rosieli Alves Chiaratto²

1. Discentes do curso de pós graduação Latu Sensu em Gestão, Supervisão e Orientação Escolar da Faculdade de Educação e Meio Ambiente (FAEMA).

2. Mestre em Saúde Coletiva, Doutora em Odontologia Preventiva e Social, Docente e Coordenadora do Serviço Didático Pedagógico de Apoio (SEDA) da Faculdade de Educação e Meio Ambiente (FAEMA).

RESUMO

O estudo focaliza, não só a importância como também a necessidade de um horário semanal para discussões, reflexões e estudo dos professores na própria instituição, o qual é previsto em lei. A Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo ou HTPC muitas vezes, é confundido, com um momento para colocar as correções em dia, escrever relatórios, enfim, atividades que podem ser feitas neste horário também, desde que o objetivo maior não seja ignorado: estudo, formação continuada, conhecimento das teorias da educação, busca coletiva para dificuldades em sala embasados em autores e troca de experiências. É a busca pela qualidade na educação de forma consciente. Elege através desta pesquisa, o Coordenador Pedagógico como ponto chave neste processo, incentivando, facilitando e colaborando com o docente na constante busca pela excelência de seu trabalho, potencializando a interação entre professor e aluno. Cabe a ele o planejamento e a efetivação destes momentos. Encerra citando casos que exemplificam a eficácia da HTPC e seus resultados nos alunos.

Palavras-chave: HTPC; Coordenador Pedagógico; Qualidade.

ABSTRACT

The study focuses, not only the importance as also the necessity of a weekly time-table for discussions, reflections and study of the teachers in the institution itself, what it is predicted in law. The Working hour Pedagogic Vehicle or WHPV very often, is confused, with a moment to put the corrections in day, in order that write reports, finally, activities that can be done in this time-table also, since the biggest objective is not ignored: study, continued formation, knowledge of the theories of the education, collective search for difficulties in room embasados in authors and exchange of experiences. It is the search for the quality in the education of conscious form. It elects through this inquiry, the Pedagogic Coordinator as key point in this process, stimulating, being careless and contributing with the teacher to the constant search for the excellence of his work, potencializando the interaction between teacher and pupil. There falls to him the projection and the efetivação

of these moments. It ends quoting cases that exemplify the efficiency of the WHPV and his results in whose pupils this project took to serious, of whom it put the quality above the difficulties.

Keywords: WHPV; Pedagogic Coordinator; Quality.

INTRODUÇÃO

O que quer dizer Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo - HTPC? Qual seu objetivo? Onde deve acontecer? Tem previsão legal? De fato faz diferença na qualidade da educação? É tentando responder estas e outras perguntas, não menos importantes, que este trabalho busca fundamentação.

O tema proposto: HTPC, em busca da qualidade na educação é relevante, pois faz parte do cotidiano das escolas em nosso país. Esta busca é de todos, mas cabe à escola dar o primeiro passo usando um espaço que é de direito, capacitando seus educadores. Quando a equipe diretiva prioriza a formação continuada todos saem ganhando, mas quem mais se beneficia, sem sombra de dúvida, é o aluno.

Romanelli (2003) deixa claro que o governo pode ajudar instituindo leis que favoreçam a educação, desde que existam pessoas aptas e dispostas a colocá-las em prática. Portanto o bom andamento da educação precisa muito mais do que leis,

precisa de profissionais competentes e comprometidos.

Sendo assim, o presente trabalho divide-se em quatro partes. A primeira aborda o professor como um eterno estudante e pesquisador, como um “cientista da educação”. O professor fascinante entende a mente do aluno (Cury, 2003, p. 58), mas para se chegar a este patamar é necessário a busca incessante pelo saber. Para Christov (2005) a pesquisa deve fazer parte do cotidiano tanto do Coordenador Pedagógico quanto do professor, para que suas próprias teorias, apoiadas em pesquisadores de renome, possam de fato ajudá-los em sua realidade de sala.

A segunda parte aborda a formação continuada e o que de fato quer dizer esta expressão. Fundamentado em Falsarella, Christov, Zagury, Alves e outros, todos, de uma maneira ou de outra, defendem que esta formação continuada pode e deve acontecer na própria escola, durante o ano letivo, com datas previstas em calendário e remunerada. O Coordenador Pedagógico torna-se o responsável por

Artigo/Article

esta formação. Conseqüentemente, ele estará estudando, pesquisando e se autoformando para passar aos educadores as temáticas necessárias, tais como: processo de ensino aprendizagem; o desenvolvimento e a implantação da Proposta Pedagógica, do Currículo Escolar e de Programas Educacionais; o crescimento profissional dos educadores, numa sistemática de educação permanente; a utilização de métodos/estratégias e recursos pedagógicos mais apropriados para o desenvolvimento dos educandos, bem como a adoção de outros procedimentos que os favoreçam nesse sentido.

A terceira parte apresenta o tema deste trabalho: a HTPC. Surgiu de uma necessidade em uma escola de São Paulo. Os professores requisitaram um horário semanal remunerado para que pudessem se dedicar ao estudo e reflexão e também a discussões coletivas das dificuldades encontradas em sala, em busca de soluções. Para Falsarella (2004, p. 55) os professores devem conhecer ideias, teorias, para analisá-las, criticá-las, mas acatá-las somente com o uso da razão.

Bruno (2005) salienta as dificuldades de se conseguir que uma HTPC aconteça satisfatoriamente. O trabalho coletivo envolve concepções

diferentes, prioridades distintas. O agrupamento de pessoas gera conflitos, descobrem-se fragilidades, mas também estreitam-se laços, talentos vem à tona.

Através de projetos realizados, finaliza-se a pesquisa comprovando que, apesar de tudo, o saldo pode ser muito positivo. A qualidade na educação pode e deve ser alcançada, não hipoteticamente, mas de forma real, trazendo benefícios a toda a sociedade, começando com o coordenador pedagógico, passando pelos professores, objetivando os alunos e repercutindo na comunidade em geral.

Professor: estudante e pesquisador

Para Cury (2003, p. 58) “o primeiro hábito de um professor fascinante é entender a mente do aluno e procurar respostas incomuns, diferentes daquelas a que o jovem está acostumado”, para que isso ocorra, não existe outra maneira senão pelo estudo.

O professor, como tantos outros profissionais, é alguém que precisa de estudo e reflexão constantes para aperfeiçoar sua prática, afinal, segundo o dicionário Aurélio (1986, p.1398) ele é “aquele que professa ou ensina uma ciência, uma arte, uma técnica, uma disciplina; mestre”. Bolzan (2002) cita o

Artigo/Article

professor reflexivo, que aprende a partir da análise e da interpretação da sua própria atividade, construindo assim, seu conhecimento surpreendendo seus alunos e surpreendendo-se com eles.

O papel do educador é fundamental. Observando a formação inicial dos professores, pode-se compreender como ensinam. É a lei do exemplo que fala mais do que palavras, ou seja, há uma relação direta entre a ação do professor, a conduta e o rendimento dos alunos, sejam eles crianças ou adultos prestes a se tornarem profissionais da educação. Portanto, à medida que o professor não se sente responsável pelo fracasso ou sucesso do aluno, é pouco provável que ele busque aperfeiçoamento de sua ação docente.

Através de uma pesquisa mais aprofundada Wilkinson (1998) buscou as raízes hebraicas das palavras ensinar e aprender que estão diretamente ligadas à docência e descobriu que tirando a prefixo e o sufixo destas duas palavras sobra a mesma raiz, ou seja, trata-se da mesma palavra. Não tem como separar o ato de ensinar ao de aprender, são um! “Ensinar, portanto, significa ocupar-se avidamente da aprendizagem dos alunos. Também significa ‘persuadir’, ‘levar os outros a fazer’ e ‘a impaciente busca de uma ação’.” (WILKINSON, 1998, p. 21)

O bom professor compreende este processo e busca sua própria progressão intelectual.

Entender o docente como um profissional responsável apenas pela transmissão do conhecimento é um conceito ultrapassado que vem sendo questionado e revisto. A profissão “professor” assume uma multiplicidade de faces. Na sua relação com as crianças e os jovens, ele não é mero informante, mas um formador. Dependendo de suas posturas e atitudes, ele pode levar seus alunos a se perceberem como pessoas, como agentes em sua própria vida e na vida da coletividade, ou simplesmente como receptores de uma cultura social e escolar que nada lhe diz, muitas vezes vazia, alheia, descolada de sua realidade e que não encontra ressonância em seu ambiente cultural mais imediato. (FALSARELLA, 2004, p. 48)

Sempre se ressalta a importância da formação continuada dos professores. O motivo é óbvio: o produto final deste profissional é o aluno, ou melhor, o cidadão do mundo, o profissional do futuro, que talvez dê aula, atenda pessoas de alguma maneira ou mesmo governe este país. É uma responsabilidade imensa, de peso, sendo assim, a capacitação deve estar em primeiro plano.

Formação continuada

A expressão “formação continuada” é recente, surgiu na década de 1980. O termo, segundo Christov (2005), traz uma crítica a nomenclaturas utilizadas anteriormente tais como: treinamento, capacitação, reciclagem que não privilegiam a construção da autonomia intelectual do professor, uma vez que se baseavam em propostas previamente elaboradas a ser apresentadas aos professores para que as implementassem em sala de aula.

Carvalho e Simões *apud* Falsarella (2004) realizaram um levantamento de artigos sobre o processo de formação continuada de professores, na década de 1990 e afirmam que, de modo geral, os autores adotam uma concepção de formação continuada como processo. Dividem-se em três grupos: o primeiro vê o processo como aquisição de informações e/ou competências, ou seja, capacitação presencial ou à distância, através de módulos de ensino, cursos, seminários, etc.; o segundo como prática reflexiva no âmbito da escola e o terceiro une a prática reflexiva com as dimensões sociopolíticas mais amplas.

Os dois últimos grupos desqualificam a imposição de saberes desconhecendo a real necessidade do

professor, de forma que o incentive a buscar sua autonomia através da apropriação contínua de saberes unindo a teoria à prática.

Para Falsarella (2004, p. 50) formação continuada engloba:

- A valorização do conhecimento docente e dos saberes profissionais presentes no cotidiano escolar;
- O local de trabalho como a base do processo;
- A consideração das vivências e da experiência profissional construída pelo professor;
- A articulação com o projeto da escola;
- As especificidades da instituição escolar e da comunidade.

Autores como Zagury (2006), Christov (2005), Falsarella (2004), entre outros, são unânimes em afirmar que a capacitação deve existir e é importante que seja no horário trabalhado, ou seja, remunerada. Faltam ao professor recursos financeiros e tempo para investir em sua carreira, o que o obriga a trabalhar em mais de um emprego para dar vida digna aos seus.

Ao remunerar o professor que estuda e reflete sobre a realidade de

Artigo/Article

sala de aula e sobre novos métodos de ensino, a sociedade estará não apenas revigorando a auto-estima docente, como possibilitando concretamente atualização permanente, e ainda dando mostras de que valoriza o saber e respeita o profissional da Educação como elemento fundamental para o crescimento de uma nação. (Zagury, 2006, p. 179)

Cabe às instituições onde se prioriza a qualidade na educação, oferecer esta formação em serviço dentro das próprias escolas. O coordenador pedagógico é o responsável por esta formação.

Cecília Alves (2004) entende que a escola, como organização social, precisa ser vista como este local de aprendizagem tanto para alunos quanto para professores, onde todos aprendem, mas também ensinam uns aos outros. Onde se busca o saber científico e sua aplicação à prática diária de cada um. A formação sendo efetuada na própria escola vai buscar sanar as necessidades concretas de cada professor ou grupo de professores e suas turmas. Para Marin (1995) *apud* Alves, considerar a escola como local de formação é acima de tudo valorizar o professor.

O chileno Ernesto Schiefelbein, Doutor em educação pela Universidade de Harvard, em entrevista à revista *Veja* (fev. 2009), afirmou que “para melhorar,

o Brasil e os outros países precisarão se aproximar mais da ciência – e se afastar dos achismos”. Também critica o ensino público brasileiro com dados comprovados que 70% dos professores que dão aulas nas primeiras séries do ensino fundamental estão entre os “*menos habilitados e preparados para a função*”. Ou seja, com a base em ruínas, só se consegue uma educação em eterna decadência. Tentar sanar esta doença com excelentes profissionais no ensino superior não leva à cura, apenas mascara. Schiefelbein aponta que estes excelentes profissionais deveriam estar no início dos estudos, no alicerce.

Como, porém, sanar uma ferida que está aberta há tanto tempo?

Formação continuada através da HTPC (Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo)! A qual, se acontecer na própria instituição, se torna prática, barata e eficaz.

A concepção de educação continuada como processo que se desenvolve no *locus* do trabalho cotidiano, sem lapsos e interrupções, e que auxilia os profissionais a participarem ativamente do mundo que os cerca e a incorporarem esta vivência ao conjunto dos saberes e de sua profissão, compõe uma visão mais completa, mais rica e menos fragmentária. (FALSARELLA, 2004, p. 54)

Artigo/Article

Alves (2004, p. 18) traduz a fala de Falsarella de maneira simples, mas não menos importante: “Trata-se, então, de transformar a escola em um espaço destinado à aprendizagem e ao sucesso escolar”. Ou seja, a HTPC inserida no projeto coletivo da escola, um espaço de processo formativo permanente e integrado à prática docente, para atender as necessidades cotidianas identificadas pelo professor e buscando soluções científicas e não “achismos”, como ressalta Schiefelbein. Desta forma, é a escola que decide sobre os conteúdos e a metodologia a serem adotados. O professor é visto e valorizado no seu verdadeiro papel: um cientista da educação.

Hora do trabalho pedagógico coletivo

Segundo a pesquisadora Oliveira (2006), a Hora do Trabalho Pedagógico Coletivo foi historicamente construída para ser um local de discussões sobre ensino-aprendizagem. É fruto de uma conquista dos professores de São Paulo. Surgiu da necessidade de existência de um espaço dentro do horário de trabalho do professor, no qual pudesse ocorrer,

além de formação, a discussão em grupo sobre os rumos de cada unidade escolar. Marin *apud* Falsarella (2004, p. 55) ressalta que “os profissionais da educação não podem e não devem ser persuadidos e convencidos de ideias; eles devem conhecê-las, analisá-las, criticá-las, até mesmo aceitá-las, mas mediante o uso da razão”.

De acordo com as pesquisas de Oliveira (2006) uma atividade de HTPC é composta pelos seguintes elementos: sujeito, objeto, instrumentos, regras, comunidade, divisão do trabalho e resultado.

- O sujeito pode ser considerado o indivíduo ou grupo engajado.
- O objeto refere-se ao problema ao qual a atividade está sendo direcionada, sendo possível moldá-lo e transformá-lo com ajuda de instrumentos físicos e simbólicos.
- Os instrumentos são entendidos como os meios utilizados nas relações dos sujeitos sobre o objeto. Ex.: textos, livros, vídeos e a própria língua como instrumento de mediação.
- A divisão do trabalho durante as HTPCs se dá entre os sujeitos de modo que tanto professores e coordenadores tenham vez e voz para expor suas ideias.
- As regras: as normas, as rotinas, os hábitos e os valores. Nesta atividade, as

Artigo/Article

regras são estabelecidas inicialmente pela legislação que diz que os encontros devem ser coletivos e ter a duração mínima de duas horas semanais (Lei nº 10.172/01 – 10.3:3). A partir destas, outras regras são estabelecidas por meio da negociação entre os sujeitos.

- A Comunidade vem a ser todos aqueles que se relacionam indiretamente na construção do objeto.

A reflexão não é um processo mecânico, nem simplesmente um exercício criativo de construção de novas ideias, antes é uma prática que exprime o nosso poder para reconstruir a vida social, ao participar na comunicação, na tomada de decisões e na ação social. (KEMMIS *apud* BRUNO, 2005, p. 11)

Bruno (2005) salienta a dificuldade de se conseguir que a HTPC se realize a contento. O fato de vários profissionais com ideias, necessidades e expectativas diferentes compartilharem o mesmo espaço/tempo para juntos buscarem aprofundamento, reflexão e por que não, solução para seus alunos em particular, torna a HTPC um tanto tensa no início. Mas existem projetos realizados por pesquisadores da área que comprovam que mesmo com a reserva de alguns professores, o tempo, a seriedade e a persistência dos líderes com a HTPC

(normalmente Coordenadores Pedagógicos), o ano se encerra com saldo positivo. Tanto os professores rendem-se à busca de conhecimento e reflexão teoria-prática, quanto a repercussão de todo este trabalho no rendimento dos alunos é visível.

Para Campos (2007), é difícil modificar o sistema cristalizado pelo tempo, questionar práticas pedagógicas que dão certo, ou parecem dar certo. Para modificar a ação docente é importante conhecer o “sistema de crenças” dos professores, para então propor mudanças que conscientizem a necessidade de se auto-superarem no saber pedagógico e nos conteúdos das disciplinas. As HTPCs abrem espaço para esta auto-reflexão.

É importante salientar que o trabalho coletivo desenvolve a humildade, o respeito mútuo, a admiração pelo outro, descobrem-se habilidades e competências muitas vezes escondidas, mas também as fragilidades e dependências de cada um. “Portanto, a autonomia se faz num contexto de relações, de contradições, de tensão e de crítica sobre nós mesmos como docentes, nos outros e nas relações com que estabelecemos uns com os outros.” (CAMPOS, 2007, p. 44)

Coletivo, de acordo com a etimologia da palavra, origina-se do

Artigo/Article

latim “*collectivu*”, que abrange ou compreende muitas coisas ou pessoas; pertencente a, ou utilizado por muitos. Para Bruno (2005, p. 14)

Uma das dificuldades do trabalho coletivo está no confronto de expectativas e desejos dos sujeitos envolvidos. (...) Desprendimento com relação às próprias convicções, atenção para com as convicções do outro e interesse para aprimorar ou alterar profundamente umas e outras, são exigências da organização que se pretende coletiva.

Nas HTPCs os professores colaboram coletivamente com seus conhecimentos científicos já adquiridos ao longo de sua formação. Novamente de forma coletiva, buscam soluções adequadas às atividades oferecidas aos alunos, conforme Oliveira (2006, p. 22, *grifo meu*), é “um espaço importante em que permitirá que o grupo envolvido em um movimento dialético colabore com o próprio desenvolvimento”.

Tudo isso reflete comprovadamente nos resultados finais e na convivência professor/aluno.

Projetos que deram certo

Qualidade e educação precisam ser vistas como sinônimos. A teoria mostra,

através de mais esta pesquisa, que é possível. Porém, faz-se necessário comprovar com medidas palpáveis a veracidade das letras. Faz-se necessário descrever projetos concretos, realizados, elucidados.

Descrevem-se, a seguir, quatro experiências vivenciadas positivamente no sistema de HTPCs.

HTPC de uma escola de periferia de São Paulo

O primeiro projeto descrito é o de Noeli Aparecida Rodrigues de Oliveira, a qual realizou um projeto em uma escola pública da periferia de São Paulo. A análise dos resultados mostra que o espaço da HTPC pode ser transformado em um espaço de reflexão e aprendizagem.

A escola estudada atua com o Ensino Fundamental I, muitos alunos são filhos de presidiários ou ex-presidiários, desempregados ou em situação de subemprego. Pelo menos 30% dessas crianças vivem em situação de extrema miséria e sua ausência na escola é comum. Para muitos, a única renda familiar vem de projetos sociais do governo, como a bolsa escola e a bolsa

Artigo/Article

família, os quais são recebidos mediante os filhos na escola.

Oliveira, a pesquisadora, foi, na época, Coordenadora Pedagógica desta escola e trabalhou com vinte professoras, das quais, cinco possuíam diploma de Ensino Superior. Todas as professoras moravam no mesmo bairro da escola.

A coleta de dados deu-se no período de março a dezembro de 2004. As HTPCs aconteceram semanalmente, com duração de duas horas cada. Foi previamente combinado entre PCP (Professor Coordenador Pedagógico) e professoras que usariam uma hora para estudo e reflexão todos juntos e uma hora ficaria livre para fazerem as atividades que cada uma julgava necessário para o momento, como corrigir cadernos, preparar atividades, discutir assuntos pertinentes a organização da escola ou receber pais, mesmo sabendo que preparo e correção de atividades, por lei, são tarefas que devem ser feitas nas três horas semanais pagas para este fim.

Dentre as reflexões, foi mostrado a importância da HTPC com base em teóricos e finalizou-se, em dezembro, com uma discussão sobre a influência do trabalho feito nas HTPCs em sala de aula.

A pesquisadora usou, como base para as reflexões, autores como Magalhães, Celani, Gitlin, Osawa e Rose,

McLaren e Giroux, dentre outros. Todos apontam a importância de sessões reflexivas de forma colaborativa. É uma grande oportunidade de repensar os objetivos, problematizar e assim, compreender a prática e seus resultados, e se necessário, modificar a forma de agir perante as situações do dia a dia, com seus alunos, consigo mesma e com os colegas. A HTPC é um importante instrumento de formação continuada dos professores, a qual deve ser muito bem planejada e aproveitada pelo PCP.

Oliveira chegou à conclusão que “não existem professores que não queiram contribuir com o desenvolvimento de seus alunos; o que existe são professores que não sabem como fazê-lo”. Houve resistência por parte das professoras quando, durante as discussões, ofereciam-se textos teóricos para embasar, buscar explicações e soluções para a prática. Outro problema encontrado pela pesquisadora foi o tempo. Normalmente era insuficiente. Também não foi possível ajudar todas as crianças desmotivadas e que continuam na escola sem terem desenvolvimento. Por outro lado, o trabalho colaborativo entre coordenadora e professoras possibilitou um avanço considerável na qualidade de ensino. As professoras adquiriram conhecimentos teóricos que,

Artigo/Article

ao final do estudo, já eram usados nas discussões de forma natural. Este casamento sólido entre a teoria e a prática também desenvolveu a PCP como profissional, a qual tornou-se mais qualificada para conduzir os momentos de estudo e reflexão nas HTPCs, aprendendo como lidar melhor com todo este processo.

Algumas sessões reflexivas foram filmadas e posteriormente algumas aulas também. Pôde ser feito assim, uma análise e uma relação teoria-prática.

Oliveira, que atua como PCP desde 1996, sempre acreditou na HTPC como espaço de formação e pôde comprovar isso através de seu estudo.

Projeto noturno

O segundo projeto trata-se do “Projeto reestruturação técnico-administrativa e pedagógica do ensino de 1º e 2º graus na rede estadual, no período noturno”, que ficou conhecido como Projeto Noturno, nos anos de 84 e 85 em São Paulo.

A nomenclatura usada pela autora, Laurinda Ramalho de Almeida, em sua tese de doutorado não foi a HTPC, porém se assemelha, pois as escolas tiveram que elaborar suas propostas de melhoria e seu

Projeto Noturno a partir de sua problemática. Com duas horas semanais remuneradas para reuniões e um professor para coordenar, os resultados alcançados foram, em sua maioria, positivos: diminuição do índice de evasão; melhor relacionamento professor/aluno; dinamização das aulas; professores mais centrados e alunos com melhor rendimento.

Toda mudança gera insegurança e atrito. Neste caso a coesão do grupo foi mais lenta e difícil, conseguida passo a passo. O trabalho coletivo, porém, levou a uma mudança de postura nos professores. Sempre que os problemas iam surgindo, o grupo achava uma solução em conjunto. A cada semestre fazia-se uma avaliação de todo o projeto.

Um dos objetivos do projeto era ver o aluno não apenas como um número, mas antes de tudo como uma pessoa, que precisava se integrar na escola, gostar das aulas e querer aprender. Para isso, foi necessário surgir uma mudança, primeiro no professor, a qual automaticamente refletiu no aluno.

Para o aluno aprender a trabalhar em equipe e a pensar, é preciso primeiro, que o professor vivencie esta experiência.

Todos aprenderam a produzir textos

Artigo/Article

Este projeto foi concretizado por Adilma de Souza Oliveira, de Itupiranga/PA, uma cidade que fica à beira da rodovia Transamazônica, onde placas, letreiros, cartazes ou outdoors não existem, bancas de revistas ou jornais também não. Os alunos tem contato com livros somente através da escola. Porém, a própria escola não estava fazendo com que estes livros fossem utilizados de maneira produtiva. Em 2006, Adilma assumiu a coordenação da EMEF Serafina Carvalho e resolveu mudar este cenário. Primeira atitude: convocou os professores de 1ª a 4ª série para participar de um programa de formação continuada oferecida pela Secretaria da Educação, com reuniões mensais, onde começaram a ser discutidas maneiras eficientes de ensinar as turmas a ler e escrever. Concomitante, a cada quinze dias o encontro acontecia na própria escola com a coordenadora, para que houvesse a discussão das didáticas aprendidas na formação convertidas à realidade de suas salas. A troca de informações produziu um maior aprendizado das professoras.

A formação continuada dos educadores deu frutos em pouco tempo. O índice de aprovação nos primeiros anos do Ensino Fundamental saltou de 57%, em 2004, para 87%, em 2007.

Este programa de formação rendeu à Adilma o prêmio Victor Civita, categoria Escola.

Ana Amélia Inoue, selecionadora do Prêmio Victor Civita Educador Nota 10 na categoria Escola, destaca que o grande mérito do trabalho de Adilma foi priorizar o conhecimento didático nos encontros cuidadosamente planejados, atacando a necessidade da escola, a qual era a leitura e interpretação de textos.

O embrião deste trabalho!

O horário de planejamento coletivo já é uma realidade nas escolas públicas, mas em instituições particulares é mais complicado, pois não existe o professor substituto (aquele que entra na sala no lugar do professor titular, no dia de planejamento).

Normalmente as redes particulares oferecem aulas extras que não são disponibilizadas na rede pública, tais como: inglês, informática, educação religiosa, musicalização, leitura, entre outras, as quais são usadas pelos professores para correção de cadernos e apostilas. Foi o gancho usado neste projeto.

Artigo/Article

O projeto se desenvolveu no Centro Educacional A Mensagem da Cruz, no município de Ariquemes, Rondônia, o qual teve que reorganizar os horários para possibilitar este novo perfil de planejamento aos professores.

Num primeiro momento houve uma reunião com a direção (no caso a presente pesquisadora era também a coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental 1ª fase) para expor o projeto e verificar as possibilidades.

Em seguida marcou-se uma reunião com os professores para discutir a possibilidade de uma manhã livre para todos os regentes de sala, que no caso eram somente quatro. Chegou-se a conclusão da união de todas as aulas extras num só dia, e que o dia ideal seria na sexta-feira, pois a semana já teria passado, o que facilitaria para o planejamento semanal dos professores e se algo ficasse pendente, ainda restaria o fim de semana para pôr em dia. Na sexta-feira também, as crianças sempre estão cansadas, propensas a aproveitar mais atividades diversas do que conteúdo obrigatório. Como já estávamos quase na metade do ano, não foi possível para a professora de inglês mudar seu dia (de terça-feira para sexta-feira), em virtude de ministrar aulas em outras escolas. Organizou-se para as terças-feiras.

Reorganizar horários não é fácil, mesmo numa escola pequena, porém foi possível que os quatro professores entrassem em sala somente às 11:00 horas para a última aula. Os alunos tinham aulas de inglês, educação religiosa ou recreação (era a mesma professora), informática, leitura na Biblioteca. Os professores entraram em consenso que este horário com os alunos seria usado para correção de tarefas do dia anterior e registro na agenda e explicação do novo dever de casa.

Um dos objetivos era manter o tempo para correções, outro era que os professores viessem de casa com o planejamento pronto ou quase pronto para se conversar sobre, trocar idéias e viabilizar materiais que fosse necessário, afinal ele já era feito assim antes! O que acabou acontecendo é que o planejamento era feito no HTPC, dificultando um pouco o objetivo central.

Foi idealizado um HTPC desta forma:

- 7:30 h - Inicia-se com uma mensagem, seja ela em frase, texto ou slides no notebook;
- Estuda-se um tema requisitado pelos professores ou observado a necessidade pela coordenadora;
- Avisos para a semana;

Artigo/Article

- Lanche trazido por um integrante do grupo em sistema de rodízio;
- Conversar sobre os planejamentos da semana individualmente, idéias e projetos para um futuro próximo;
- Tempo para correção de cadernos, apostilas...
- 11:00 h – sala de aula.

Nem sempre foi possível seguir este cronograma, por diversas razões que às vezes foge ao controle, mas, as vezes que deram certo, foram excelentes. Tivemos duas professoras que muitas vezes decidiam e se organizavam para trabalhar juntas com suas salas em determinadas atividades, respeitando o grau de dificuldade de cada série, que apesar de distintas, não impossibilitava a ação.

Enfim, o saldo positivo foi bem maior, apesar de ter sido uma primeira experiência tanto da instituição quanto da equipe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A docência está entre as profissões que exigem estudo constante. Porém, devido à baixa remuneração e excesso de trabalho, este estudo torna-se difícil.

A problemática levantada neste trabalho foca a dificuldade enfrentada pela escola na capacitação de seus docentes e leva a confirmação de que a HTPC é a melhor solução. É sabido que nas instituições públicas já existe o horário de planejamento. Nas instituições particulares o professor utiliza as aulas extras para isso. Todavia, é insuficiente e ele acaba usando parte do tempo que seria dedicado à sua família, ao seu lazer e ao seu aprimoramento cultural. Este tempo a mais na carga horária do professor para planejamento deveria, por certo, ser remunerado.

A formação continuada, através da HTPC, no âmbito da escola e remunerado, tem o papel de suprir uma parte significativa deste vácuo.

O horário de planejamento, porém, só é produtivo para professores que tem compromisso com a educação de qualidade e vontade de fazer a diferença. Os pilares da educação – aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser – resumem os conteúdos que o líder, normalmente o Coordenador Pedagógico, deve trabalhar na formação dos docentes.

Para que haja esta conscientização, o Coordenador Pedagógico também deve ser um profissional comprometido com todo este processo.

Artigo/Article

A existência deste horário possibilita ao coordenador identificar e satisfazer as necessidades legítimas do professor e remover todas as barreiras para que possa pesquisar formas diferenciadas de aplicar os conteúdos, assegurando uma melhor assimilação por parte dos alunos.

Espera-se que este tema apareça cada vez mais nas pesquisas e trabalhos científicos. Que a HTPC esteja cada dia mais presente nas escolas, sendo trabalhada de forma eficaz, na busca da qualidade total na educação brasileira.

Chega de “achismos”!

REFERÊNCIAS

1. BOLZAN, Dóris Pires Vargas. Formação de professores: compartilhando e reconstruindo conhecimentos. Porto Alegre: Mediação, 2002. p 173.
2. CAMPOS, Casemiro de Medeiros. Saberes docentes e autonomia dos professores. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
3. CURY, Augusto Jorge. Pais brilhantes, professores fascinantes. A educação dos nossos sonhos: formando jovens felizes e inteligentes. Rio de Janeiro: Sextante. 2003.
4. FALSARELLA, Ana Maria. Formação continuada e prática de sala de aula: os efeitos da formação continuada na atuação do professor. Campinas, SP: Autores Associados, 2004. p 230.
5. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p 1838.
6. GUIMARÃES, Ana Archangelo. et al. O Coordenador pedagógico e a educação continuada. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005. p 55.
7. LIBÂNEO, José Carlos. Pedagogia e pedagogos, para quê? 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p 208.
8. NOVA ESCOLA. São Paulo: Abril, ano XXIII, n. 218, dez. 2008.
9. OLIVEIRA, Noeli Aparecida Rodrigues de. A HTPC como espaço de formação: uma possibilidade. In: Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006. p 113.
10. ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da Educação no Brasil (1930/1973). 28 ed. Vozes. Petrópolis, 2003.

Artigo/Article

11. SASS, Cecília Pescatore Alves; SASS Odair (org.). Formação de professores e campo de conhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p 204.

12. WILKINSON, Bruce H. As 7 leis do aprendizado: como ensinar quase tudo a praticamente qualquer pessoa. Venda Nova, MG: Betânia, 1998. p 352.

13. VEJA, São Paulo: Abril, ed.2100, ano 42, n.7, fev. 2009.

14. ZAGURY, Tania. O professor refém: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. p 301.